

Saravá é um vídeo como *muvuca*, técnica de semeadura direta com várias espécies de sementes, com distintos tempos de desenvolvimento, pensada para a reconstrução de uma floresta. É um vídeo cheio de referências e neologismos na linguagem do cinema e da arte contemporânea, que se hibridizam. Realizado em Maricá em 2003, este é o primeiro de Jarbas Lopes. Nele, representa Cabeludo. E contracena com Cabelo, que incorpora Jabá. Neste caso, a representação do papel se expande para a criação da trama através do improviso, que parte de uma perambulação que os faz encontrar suas esculturas, instalações, seus objetos, dispositivos de performance, e colocá-los em cena, animados, como outros personagens. O resultado é uma narrativa traçada pela caminhada, pela deriva, pelo humor, som, música e ginga, em um estado de embriaguez pela vida e pela arte. É um mundo de representação, simbólico, mas também de literalidade, de concretude, um mundo em seus múltiplos sentidos.

A cena inicial simultaneamente remonta e remete a *Guru Guru Black Power*, performance em que Jarbas e Cabelo se deitam sob uma lona plástica, onde está escrito com tachinhas metálicas a frase-título. Ali, sob esse manto urbano da morte, os artistas instauram uma situação que provoca diversas reações, colocando em questão as diferentes formas de se encarar o fim – e conseqüentemente o meio também, a vida. Visões de mundo em contato, em conflito, do transeunte e dos rapazes, que mostram ao que vieram: entortar os sentidos comuns e entendimentos massificados nas metrópoles.

O que é o entender? Qual o sentido poético? É o mesmo sentido de um rio: a correnteza, o fluxo. Jabá e Cabeludo usam o que têm à disposição, entre frutas, tênis, barcos e outros recursos naturais ou industriais, em movimentos habilidosos e engenhosos. Os artistas criam os personagens a partir de um ambiente de improvisação, constituído pelos seus universos de imagens, junto a paisagem, a música e o que havia ao redor. A sabedoria do improviso é próxima a do *site-specific*: o que se cria é e fica ali desse momento. Um encadeamento livre entre os diálogos, entre imagens e procedimentos comuns à expressão dos artistas. Um sentido que se tateia, no tato, do faro, do paladar, da audição, do saber-viver.

Escuta o espaço. O movimento do vai e vem. É o eterno sobe e desce. Sussurram as vozes dos artistas no vídeo enquanto a tela se apaga, remetendo à conversa dos mortos. É assim que Jarbas Lopes e Cabelo discutem visão de mundo, modo de vida, valorização dos diversos saberes, das várias línguas, equilíbrio entre a vida humana, animal, vegetal e mineral. Tudo parte da mesma coisa.

O vídeo é uma síntese para o universo dos artistas, não somente nas obras que aparecem de forma material, mas no mecanismo coletivo, transversal, multidisciplinar, anárquico, comum e extraordinário. Um filme que também é uma *muvuca* no seu sentido informal da palavra, uma aglomeração festiva e agitada, feita a muitas mãos, sob a orquestração dos artistas. Funções, papéis e hierarquias se fundem, se compartilham, se reconfiguram. O que se repõe em outras proposições de Jarbas Lopes, tanto anteriores quanto posteriores a *Saravá*. A participação aparece como veículo da comunhão, da comunidade, das funções principais da arte, que se pode ver em *O bem e o mal entendido* (2023), que documenta o trajeto do artista de Maricá à Pinacoteca de São Paulo no fusca branco que compõe e a montagem do trabalho homônimo. E também em *Cinema Parado* (2002-2024), projeto experimental e participativo em que os espectadores eram convidados a intervirem e desenharem sobre películas fotográficas, que eram devolvidas a um projetor de slides, exibindo imediatamente as produções na exposição. Após 22 anos de coleta deste material em múltiplas montagens, é montado o vídeo com a sequência de *slides*. Ambos vídeos fizeram parte da sessão especial que ocorreu na abertura desta quarta edição do programa *Like a Virgin: o primeiro vídeo a gente nunca esquece*.

Érica Burini

Like a Virgin: o Primeiro Vídeo a Gente Nunca Esquece é o programa que inaugura a Sala de Projetos Especiais da nova sede do Ateliê397. A proposta é mostrar as primeiras obras em vídeo de artistas e coletivos com dez ou mais anos de carreira. E, assim, investigar o início de uma recorrência ou de um desvio nessas trajetórias. Gestos iniciais são muito importantes para o Ateliê397, que se interessa pela experimentação e pela radicalidade nas artes. O primeiro vídeo é formativo para o artista, para o público e para a crítica. Talvez outros o ignorem, mas, aqui, *o primeiro vídeo a gente nunca esquece*.

Ateliê397

Gestão: Bruna Fernanda, Érica Burini, Jeane Gonçalves, Tania Rivitti, Thais Rivitti

Produção executiva: Jeane Gonçalves

Design: Thiá Sguoti

Like a Virgin: o Primeiro Vídeo a Gente Nunca Esquece

Artista: Jarbas Lopes

Curadoria: Érica Burini

Comunicação Visual: Tattoo de Parede

Realização:



Ateliê397

Apoio:

aliseu